

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



SÍTIOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DA RIBEIRA DO ENXOÉ (SERPA): APONTAMENTOS ACERCA DA VARIABILIDADE DAS ESTRUTURAS EM NEGATIVO

Lídia Baptista / Arqueologia & Património Lda., CEAUCP-CAM, FLUP / lidiabap@gmail.com

Sérgio Gomes / Arqueologia & Património Lda.; CEAUCP-CAM / sergioalexandregomes@gmail.com

RESUMO

O presente texto versa sobre os resultados obtidos nos trabalhos realizados pela equipa da Arqueologia & Património Lda. no âmbito da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé (Serpa). Os trabalhos incidiram num conjunto de estações localizadas nas margens da Ribeira de Enxoé. Nestas estações foram identificados contextos cujo conhecimento contribui para a discussão da complexidade do “mundo em negativo” da Pré-história Recente do interior alentejano. Com efeito, estas estações apresentam um conjunto diversificado de estruturas em negativo, morfologicamente distintas e com diferentes enchimentos, sendo o objetivo deste texto a apresentação de uma síntese acerca desta variabilidade.

ABSTRACT:

This paper addresses the prehistoric sites dug during the construction of the Bloco de Rega Brinches-Enxoé (Serpa, Beja, Portugal). These sites present several “negative structures” morphologically distinct and presenting different fills. We will present some of the main aspects of this variability, aiming to contribute to the understanding of this “architecture tradition” during the Late Prehistory in Alentejo’s hinterland (South Portugal).

0. INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no âmbito da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé, promovidos pela EDIA SA, permitiram a intervenção em 24 sítios de estruturas em negativo de cronologia pré-histórica (figura 1). A análise preliminar destes sítios, que cronologicamente se situam entre o Neolítico Final/Calcolítico e a Idade do Bronze, permitiu constatar uma variabilidade acentuada no que diz respeito à morfologia e aos enchimentos das estruturas (Baptista & Gomes 2012a). Saliente-se que este cenário tem vindo a ser continuamente registado noutras áreas do interior alentejano (Valera & Brazuna, 2011, por exemplo). Assim, se por um lado, o conjunto de intervenções recentemente realizadas nesta região vem consolidando uma imagem de uma “longa tradição arquitetónica” que parece

construir um “mundo em negativo” (Valera & *alii*, no prelo), por outro lado, mostra-nos também que a “formalização de tal tradição e de tal mundo” se constitui numa contínua integração de diferenças. Estamos, então, perante uma realidade que nos desafia a um estudo sistemático dos dados de modo a compreender tal variabilidade. Este texto pretende constituir um contributo para essa sistematização; decidimos escreve-lo na forma de “Apontamentos” porque, no atual estado da investigação que desenvolvemos e nos limites que nos foram concedidos para a redação do texto, é o modo possível de partilharmos o que o nosso estudo nos levou a conhecer.

APONTAMENTO 1. SOBRE OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES DOS DADOS

O Bloco de Rega de Brinches-Enxoé localiza-se nas margens da Ribeira do Enxoé. Na área de implanta-

ção do projeto, este afluente da margem esquerda do Guadiana desenvolve-se num vale encaixado de orientação E-W. O relevo da margem Norte apresenta um ondulado mais acidentado onde se desenvolve o Barranco de Grafanes, que desagua na Ribeira do Enxoé. Do lado sul, é de salientar a presença de inúmeras linhas de água, que correm em vales abertos e ladeados por elevações suaves com uma orientação SE-NW. Do ponto de vista geológico, caracteriza-se por uma área de formações bastante heterogêneas, das quais se destacam o complexo gabro-diorito de Cuba e os Porfírios de Baleizão. O substrato local, comumente designado por “caliços”, de tons esbranquiçados (por vezes rosados/alaranjados ou acinzentados), é fácil de esculpir.

As áreas de afetação do projeto correspondem, fundamentalmente, à abertura de corredores de valas de implantação de condutas que, na maioria dos casos, apresentam traçados perpendiculares à ribeira do Enxoé. Na margem Sul, tais corredores apresentam traçados mais ou menos paralelos aos afluentes da ribeira. Na margem Norte, o número de corredores é menor (estendendo-se entre as ribeiras do Enxoé e de Grafanes); nesta margem procedeu-se também à construção do Reservatório de Montinhos, permitindo a observação direta do subsolo de uma área correspondente a duas colinas. Comparando as áreas afetadas e os resultados obtidos, devemos ter em conta vários aspetos. O elevado número de estações identificadas na margem Sul, pode ser decorrente do maior volume de trabalhos efetuados. Com efeito, do lado Norte, durante a execução do Bloco de Rega de Brinches (Valera & Brazuna, 2011), a densidade de sítios ganha uma expressividade semelhante à registada na margem Sul. Ou seja, a menor densidade de ocorrências registadas na margem Norte pode, efetivamente, estar associada a um menor número de corredores de obra e, conseqüentemente, a uma menor possibilidade de observação do subsolo. A este propósito, refira-se que a construção do Reservatório de Montinhos permitiu a identificação de uma estação (Montinhos 6) cuja área de dispersão de estruturas em negativo se estende pelas duas colinas afetadas durante a execução desta construção, ou seja, esta imagem de menor densidade de sítios pode, efetivamente, ser decorrente de uma menor área de afetação do projeto.

Os corredores de obra se, por um lado, proporcionam a avaliação de áreas muito extensas (a partir das quais se pode ter uma imagem da densidade

de distribuição dos sítios), por outro lado, limitam a observação em área, levantando uma questão de fundo: na ausência de marcadores espaciais delimitadores (um fosso, por exemplo), quais são os limites destes sítios? Neste momento, para a maioria dos casos, não foram reunidas as condições para responder a esta questão. Porém, os corredores de obra permitiram cartografar zonas de concentração de estruturas em negativo cuja análise articulada pode ir no sentido de explorar a possibilidade de constituírem partes de uma mesma organização do espaço. Apesar das limitações dos dados obtidos nestes trabalhos, esses mesmos dados contribuíram de modo muito positivo para o conhecimento das dinâmicas de ocupação do espaço durante a Pré-história Recente do Sudoeste Peninsular (Valera & *alii* no prelo, por exemplo), lançando elementos que permitem, por exemplo, compreender o modo como esta região se articula com o Sudeste Peninsular (Alves & *alii*, 2010). Estes dados possibilitam, então, uma problematização que, centrada numa escala de análise supra-regional, contribui para edificar uma sequência de continuidades e descontinuidades culturais durante a Pré-história Recente. Em articulação com esta escala de análise mais ampla, podemos também explorar a análise contextual das estruturas que, como veremos, nos remete para um conjunto diversificado e entrelaçado de práticas em associação com esta tradição arquitetónica.

APONTAMENTO 2. MORFOLOGIA E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DAS ESTRUTURAS

O conjunto das estruturas em negativo identificado pauta-se por uma grande variabilidade morfológica, cuja sistematização passa por um exercício de tipificação que excede os objetivos deste texto. Deste modo, optamos por considerar categorias morfológicas muito abrangentes que nos permitem traçar, provisoriamente, uma cartografia das questões que podem ser colocadas ao modo como tais estruturas participam na delimitação/especificação do espaço. Essas categorias são as seguintes: “fossas”; estruturas de planta em forma de “osso”; estruturas de planta sub-retangular; hipogeus; valados (figura 2). As “fossas” correspondem à categoria mais frequente, tendo-se registado a sua ocorrência em quase todas as intervenções efetuadas. O elevado número de estruturas é acompanhado de uma acentuada variabilidade formal. Com efeito, esta categoria aglutina

estruturas de formas e dimensões consideravelmente diferentes. Em termos espaciais, estas estruturas tanto ocorrem, aparentemente, isoladas, como em núcleos, sem uma estruturação aparente. Saliente-se que, como já referimos, a análise da distribuição espacial das estruturas se encontra condicionada pela área de observação possibilitada pelo corredor de obra. Mas acrescentemos mais uma dificuldade. Como veremos no próximo “apontamento”, a análise da cronologia das estruturas remete para uma longa ocupação dessas áreas de concentrações de estruturas, dificultando, assim, a análise da sua distribuição espacial, nomeadamente no caso de estruturas para as quais não temos elementos datantes.

As estruturas de planta em forma de “osso” e as estruturas de planta sub-retangular não são tão recorrentes como as “fossas”. Apresentam também alguma variabilidade morfológica e a análise da sua distribuição espacial apresenta as mesmas condicionantes. Porém, existem três casos, em que estas estruturas se apresentam concentradas e com uma lógica de distribuição, que permitem ilustrar as suas possibilidades enquanto elementos estruturadores/delimitadores do espaço. Os dois primeiros casos dizem respeito a duas concentrações de estruturas de planta em forma de “osso” identificadas em Montinhos 6 e Santo Estêvão 1 (Baptista & Gomes, no prelo). Em Montinhos 6, a área de afetação do projeto permitiu a observação da totalidade do conjunto, permitindo constatar que as estruturas se distribuem num conjunto de linhas paralelas que parecem delimitar um espaço de planta poligonal. O terceiro caso diz respeito a um conjunto de estruturas de planta sub-retangular identificado em Horta da Morgadinha. Neste caso, as estruturas apresentam-se também em linhas paralelas que, considerando as relações estratigráficas que as estruturas apresentam entre si, sugerem a construção de “corredores” com um orientação NO-SE, cujos limites desconhecemos por excederem a área intervencionada.

Os hipogeus identificados nestes trabalhos apresentam sempre elementos que permitem a sua associação à Idade do Bronze. Esta categoria morfológica apresenta alguma variabilidade interna, que se traduz tanto na planta da câmara e da antecâmara que, por vezes, aparece associada a uma “fossa pré-existente” (Baptista, Rodrigues & Pinheiro, 2012). No que diz respeito às relações espaciais que estas estruturas estabelecem entre si, registaram-se dife-

rentes cenários: em Montinhos 6, foram identificados catorze hipogeus, dez dos quais se encontravam na colina NE e os restantes na colina SW (na distribuição espacial destes elementos, para além de apresentarem quase todos uma orientação NE-SW, não se registou qualquer lógica de distribuição específica); em Torre Velha 12, os três hipogeus encontram-se afastados entre si, estabelecendo uma relação de proximidade com as “fossas” (Gomes, Baptista & Rodrigues, no prelo); em Maria da Guarda 3, foi identificado um hipogeu, aparentemente, isolado. Quanto aos “valados”, a análise morfológica encontra-se muito comprometida pelas áreas intervencionadas. Com efeito, apenas nos foi possível observar segmentos destas estruturas, a partir dos quais não é possível reconhecer o tipo de delimitação espacial que tais estruturas permitiriam. Apesar destas limitações, os segmentos intervencionados permitem constatar que esta categoria de estruturas também apresenta uma variabilidade formal significativa, podendo corresponder a interfaces verticais de perfil em U com pequenas dimensões (como é o caso dos valados de Horta da Morgadinha e Monte da Laje, por exemplo) ou a interfaces com dimensões maiores, aparentando tratar-se de fossos (como é exemplo o caso da estrutura identificada em Horta da Morgadinha 2).

APONTAMENTO 3. CRONOLOGIA E TEMPORALIDADE

O estudo da cronologia das estruturas encontra-se circunscrito à análise da componente artefactual. Assim, sempre que os conjuntos artefactuais apresentavam elementos datantes, foi possível a sua associação aos seguintes períodos cronológicos: Neolítico Final/Calcolítico; Calcolítico; e Idade do Bronze. A consideração destes períodos cronológicos permite constatar que a maioria dos sítios apresenta contextos articuláveis com os diferentes períodos. Neste sentido, alguns destes sítios correspondem a “áreas de construção” que persistem ao longo de mais de 2000 anos.

Nesta construção do espaço é de salientar que as estruturas de diferentes cronologias não apresentam uma relação direta entre si, isto é, podem situar-se numa mesma área, mas a sua construção não interfere com as construções anteriores. Este aspeto remete para uma apropriação do espaço num tempo longo no qual podemos ver uma lógica de “adição

de estruturas”, cuja espacialidade se sobrepõe, sem alterar fisicamente uma lógica espacial anterior. Esta não sobreposição de estruturas de cronologia distinta, neste tempo longo de construção, sugere a existência de uma memória de marcações espaciais anteriores, cuja materialidade é preservada nos sucessivos períodos de construção do espaço. A exceção a esta “regra” é esporádica, tendo sido registada em Torre Velha 12 e Montinhos 6. Em Torre Velha 12, foi registado um conjunto de “fossas” de cronologia Neolítico Final/Calcolítico, que viria a ser cortado durante a construção de “fossas” e hipogeus da Idade do Bronze. Em Montinhos 6, a área de concentração de estruturas de planta em forma de “osso” apresentava várias estruturas que se encontravam cortadas por dois hipogeus da Idade do Bronze, ou seja, a modelação espacial definida pelas estruturas de planta em forma de “osso” dá lugar à construção de dispositivos arquitetónicos diferentes. Nestas duas estações temos casos em que a adição de estruturas, em períodos afastados no tempo, implica a alteração física de uma organização espacial anterior.

APONTAMENTO 4. PRÁTICAS DE INUMAÇÃO

Este Quarto Apontamento é relativo às estruturas que apresentam contextos associáveis a práticas de inumação de cadáveres humanos e animais (figura 3). Tais contextos estão articulados com diferentes períodos cronológicos, ocorrem em estruturas de morfologia distinta e apresentam formalizações também muito diferentes entre si.

As práticas de inumação do Neolítico Final/Calcolítico dizem respeito a três contextos de Horta da Morgadinha 2 (Gomes, Baptista & Oliveira, no prelo). O primeiro contexto é relativo à inumação de dois indivíduos sub-adultos, depositados em decúbito lateral, nos nichos parietais de uma “fossa” de planta sub-circular. Estes nichos, um localizado quase no topo e o outro a meio da parede da “fossa”, encontravam-se colmatados por construções pétreas. As inumações não apresentavam qualquer elemento artefactual. O segundo contexto é relativo à inumação de um conjunto de canídeos quase na base do enchimento de uma “fossa”. Foram identificados dois cadáveres quase inteiros de canídeos (num deles, o crânio está ausente e no outro não se identificaram as vértebras caudais), o crânio de um outro canídeo e 2 concentrações de ossos. Uma

dessas concentrações localizava-se no centro da estrutura, sendo constituída maioritariamente por elementos de ovi-caprídeos. A outra concentração diz respeito ao entrelaçamento de partes de animais e blocos pétreos localizada junto da parede Norte da estrutura, nesta concentração foram identificadas partes de canídeos (dois crânios e outras conexões anatómicas) e um membro posterior de bovídeo em conexão. Em associação com este nível registou-se a ocorrência de um elemento malacofauna (*Pecten Maximus*), de um pequeno recipiente inteiro, de uma colher inteira e de um conjunto de fragmentos cerâmicos e elementos líticos. O nível onde ocorrem estes cadáveres encontrava-se coberto por uma sucessão de depósitos argilosos de matriz argilosa; abaixo do nível, encontravam-se depósitos semelhantes, mas com concentrações de blocos pétreos. O terceiro contexto é relativo à inumação de um canídeo. Este cadáver foi inumado sem associação a outros elementos numa “fossa” de planta em 8. A inumação localizava-se quase no topo de um dos módulos da estrutura, numa zona em que as paredes são muito inclinadas. O cadáver encontrava-se encostado à parede Este, tendo sido depositado sobre uma estrutura pétrea, onde estavam apoiados o seu crânio e coxais. Este nível encontrava-se colmatado e assentava em depósitos de matriz argilosa. No que diz respeito ao período Calcolítico, apenas foi identificado um contexto desta natureza em Santo Estevão 1. Trata-se de uma inumação em “fossa” de dois indivíduos de idade adulta do sexo feminino. A inumação foi efetuada sobre a base da “fossa”, encontrando-se um dos indivíduos em decúbito lateral direito e o outro, possivelmente, em posição sentada, voltada para a parede Este da estrutura. O nível relativo aos restos ósseos encontrava-se colmatado por um depósito argiloso. Porém, considerando a dispersão dos elementos ósseos do indivíduo em posição sentada, é provável que os cadáveres estivessem expostos durante algum tempo, sendo a colmatação efetuada num período em que os cadáveres já se encontravam em elevado estado de decomposição. (Tabela 1)

Os contextos de inumação de Idade do Bronze ocorrem em “fossas” e em hipogeus. Quando consideramos a formalização dos níveis de inumação em função destas duas categorias de estruturas, constata-se que os níveis das “fossas” apresentam uma variabilidade formal muito mais acentua-

Tabela 1 – Contextos de inumação da Idade do Bronze. O “h” é relativo a cadáveres humanos e o “a” a cadáveres de animais.

	Maria da Guarda	Laje 2	Horta da Morgadinha	Montinhos 6	Torre Velha 12
“Fossa”	–	h1	a1	h7	h4
Hipogeu	h1	–	h1	h14	h2

da do que a variabilidade dos níveis dos hipogeu (Baptista, Rodrigues & Pinheiro, 2012).

No grupo de hipogeu em questão, os níveis de inumação localizam-se invariavelmente nas câmaras, onde os cadáveres são colocados, individualmente ou em grupo, em decúbito lateral; apresentando também, por vezes, níveis de ossário. Os indivíduos inumados tratam-se, na sua maioria, de adultos. Na maioria dos casos, os cadáveres estavam acompanhados por recipientes cerâmicos, artefactos metálicos e “oferendas cárneas”. As câmaras encontravam-se seladas por estruturas pétreas e as ante-câmaras apresentavam-se colmatadas por depósitos de matriz semelhante ao substrato geológico (caliço); estes níveis de colmatação, de um modo geral, não apresentavam elementos artefactuais.

A variabilidade das “fossas” faz-se notar, desde logo, na presença de inumações de animais. Com efeito, ainda que se trate apenas de um caso, numa das “fossas” de Horta da Morgadinha foi identificado, quase no topo do enchimento da estrutura, a inumação de um carnívoro. Porém, a variabilidade é ainda mais notória quando consideramos o lugar que os cadáveres humanos ocupam no interior das estruturas, podendo ocorrer quase no topo, a meio do enchimento, na base da estrutura ou em nichos parietais. Esta variabilidade topográfica é acompanhada de uma variação no modo como são depositados os indivíduos (em decúbito lateral, em decúbito dorsal, em posição sentada, por exemplo). Os indivíduos tanto são sub-adultos como adultos de ambos os sexos, sendo depositados, na sua maioria, individualmente. No que diz respeito às oferendas, a maioria dos níveis de inumação não apresentava elementos deste tipo, tendo-se constatado três exceções a esta regra: duas delas em Montinhos 6, onde uma das “fossas” apresentava um indivíduo em posição sentada que exibia um dormente na zona do ventre e outra em que um indivíduo sub-adulto, inumado em decúbito lateral, apresentava um colar de búzios e uma conta tubular em osso; em Laje 2 foi identificado um nível de inumação de dois

indivíduos adultos do sexo feminino em posição de decúbito lateral que apresentavam entre si uma “oferenda cárnea” e um depósito de malacofauna. É de salientar que, este último caso, apresenta um elemento que “evoca” as oferendas identificadas nos hipogeu. Neste sentido, se os contextos de inumação em “fossa” apresentam uma maior variabilidade do que os dos hipogeu, é de salientar que nessa variabilidade parece existir aspetos que sugerem um diálogo entre as práticas em questão.

Para além dos contextos acima mencionados, em Torre Velha 12 foram identificados três contextos de inumação que não permitiram a articulação com um período específico. O primeiro desses contextos trata-se de uma “fossa” onde ocorrem dois níveis de inumação de cadáveres animais; as peças ósseas encontravam-se em mau estado de conservação, porém parecem tratar-se de indivíduos que foram colocados inteiros, correspondendo um deles a um cervídeo. O segundo contexto corresponde a uma mandíbula humana identificada no topo de uma “fossa” que não foi intervencionada. Por último, após a remoção das terras de lavra, foram identificados dois conjuntos de peças ósseas compatíveis com um único indivíduo; a localização destes conjuntos ósseos era coincidente com uma área de concentração de estruturas, porém não foi possível estabelecer a sua associação a nenhuma das estruturas.

APONTAMENTO 5. CONCENTRAÇÕES E NÍVEIS DE MATERIAIS

As sequências de enchimento das “fossas” apresentam diferentes graus de complexidade, sendo que muitas das vezes, tal complexidade surge acompanhada de concentrações ou níveis de diferentes categorias de artefactos (figura 4). Tais contextos ocorrem, com uma frequência distinta, em quase todos os sítios intervencionados estando em articulação com diferentes períodos de ocupação desses sítios. A presença destas concentrações e níveis de materiais remete-nos para práticas de enchimento

que parecem estar em associação a práticas de deposição que se entrelaçam, assim, nas práticas de construção dos enchimentos destas estruturas. Essas práticas de deposição podem aparecer, por sua vez, associadas a práticas de fragmentação de materiais (nomeadamente cerâmicos) e de distribuição de fragmentos, que se entrelaçam também na construção destas estruturas (Baptista, no prelo; Baptista & Gomes, 2012b, por exemplo). No seu conjunto, as várias concentrações e níveis de diferentes categorias materiais remetem para uma “biografia” onde esses materiais são manipulados em diferentes cenários que “culminam” na sua deposição no interior destas estruturas.

Descrever os contextos e problematizar as “biografias” que podem ser analisadas nestes níveis e concentrações de materiais excede o âmbito deste texto. Neste sentido, vejamos apenas uma série de casos que ilustram a complexidade destes contextos. Existem situações em que o nível de materiais pode corresponder a um único recipiente inteiro que é colocado no centro da base de uma estrutura (Torre Velha 12, Estrutura 18), ou então a um conjunto de recipientes inteiros, ou quase inteiros, que se concentram também na zona da base da estrutura (Horta da Morgadinha, Estrutura N.º 11; Horta da Morgadinha 2, Estrutura 10/11). Outra das situações registada, corresponde a um conjunto de fragmentos cerâmicos, ou partes de vasos, concentrados em diferentes partes da estrutura: na base (Horta da Morgadinha 2, Estrutura N.º 36; Montinhos 6, Estrutura 146), no topo do último depósito de enchimento (Montinhos 6, Estrutura 42) ou a meio do enchimento da estrutura (Montinhos 6, Estrutura 120). Por vezes, as estruturas apresentam também diferentes partes do mesmo recipiente distribuído por diferentes depósitos de enchimento (Montinhos 6, Estrutura 34; Vale de Éguas 3, Estrutura 2). A análise dos fragmentos permite constatar que, em alguns casos, é possível estabelecer colagens entre estruturas (Montinhos 6, entre as Estruturas 34 e 42, entre as Estruturas 40 e 42, entre as Estruturas 100 e 120). Para além das situações em que os níveis são polarizados por elementos cerâmicos, existem casos que tais elementos surgem em associação a elementos faunísticos (Montinhos 6, Estrutura 100). Ou, a concentração pode ser exclusivamente constituída por elementos de fauna (Horta da Morgadinha 2, Sondagem 14; Montinhos 6, Estrutura 45 e 172). Uma situação recorrente é a

presença de níveis pétreos, que tanto podem ocorrer no topo da estrutura, a meio do enchimento, na base ou apresentarem-se alternados com depósitos argilosos (Montinhos 6, Estrutura 149); frequentemente, estes níveis pétreos apresentam fragmentos de elementos líticos (nomeadamente fragmentos de elementos de moagem). Também existem casos em que os depósitos de enchimento apresentam uma elevada frequência de ocorrência de fragmentos de diferentes categorias, sem que seja possível definir um plano da sua ocorrência.

A falta de sistematização do parágrafo anterior não é decorrente apenas da dificuldade de sintetizar a realidade que se pretende enunciar. Com efeito, esta realidade a que nos referimos é, neste momento do seu estudo, de difícil sistematização. Trata-se de um conjunto de contextos que nos interpela pela sua estranheza e que nos desafia a uma análise de múltiplos aspetos, de modo a tentar encontrar associações, que nos permitam edificar uma ordem para a sua variabilidade. Talvez, com essa análise, consigamos reconhecer algumas das dinâmicas em que se compõem estes níveis e concentrações.

APONTAMENTO 6. APONTAMENTO FINAL

Começamos este texto por referir o extenso conjunto de dados que os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no âmbito da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé permitiu construir; salientamos, desde logo, o carácter diversificado dos contextos arqueológicos em questão. Nos Apontamentos que aqui partilhamos tentamos sistematizar tal diversidade, ensaiando a sua ordenação em função de aspetos decorrentes da análise morfológica das estruturas, da sua distribuição espacial e da cronologia dos contextos que apresentam. Quando passamos à análise dos enchimentos das estruturas, ficamos face a um conjunto de contextos cuja variabilidade nos desafia a encontrar as ordens dessa variabilidade; a ordem de associação entre os participantes que compõem este “mundo em negativo”.

Procurar esta ordem é um percurso longo e laborioso de análise e sistematização. A convicção na necessidade deste percurso é, porém, acompanhada de uma inquietação. Uma inquietação que reconhecemos no modo como Marco Polo descreve o desafio da experiência da linguagem e da tradução em *Hispiácia das Cidades Invisíveis* de Italo Calvino (2000 [1990], p. 50): “De todas as mudanças de língua que tem de

enfrentar o viajante em terras longínquas, nenhuma iguala a que os espera na cidade de Hispácia, porque não diz respeito às palavras mas sim às coisas”. Na experiência da cidade, vai-se explorando as coisas e compreende-se, por exemplo, que “quando a minha alma não pede outro alimento e estímulo que não seja a música, sei que tenho de procurá-la nos cemitérios: os tocadores escondem-se nos túmulos; de uma cova para a outra correspondem-se trinados de flautas e acordes de harpas” (ibid.). O receio do visitante é o momento da partida porque “sei que não deverei descer ao porto mas sim subir ao pináculo mais alto da fortaleza e esperar que passe um navio lá por cima. Mas passará alguma vez? Não há linguagem sem engano” (ibid.). Talvez. Mas talvez também haja uma cidade sem lugar de chegada e de partida; sem lugar às perguntas que colocamos. O desafio é, então, como fazer emergir a possibilidade dessa diferença através das ordens de associação que conseguirmos registar.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, C.; COSTEIRA, C.; ESTRELA, S.; PORFÍRIO E.; SERRA, M.; SOARES, A. M. M.; MORENO-GARCÍA, M. (2010) – Hipogeus funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa Portugal). O Sudeste no Sudoeste?!. *Zephyrus* LXVI, pp. 133-153.
- BAPTISTA, L. (no prelo) – A Idade do Bronze no concelho de Serpa: um primeiro esboço de um conhecimento em construção. A ser publicado nas *Atas do VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, realizado em 4 a 6 de Outubro de 2012, Villafranca de los Barros (Badajoz).
- BAPTISTA, L.; GOMES, S. (2012a) – *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé: Relatório Final Global*. Beja: Arqueologia & Património, Lda.
- BAPTISTA, L.; GOMES, S. (2012b) – Vale das Éguas 3 (S. Salvador, Serpa): fragmentação de materiais cerâmicos e enchimento de estruturas. In *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Novembro de 2010*. Almodôvar: Município de Almodôvar, pp. 597-604.
- BAPTISTA, L.; GOMES, S. (no prelo) – Contributos para o estudo das modalidades de construção do espaço das estruturas de planta em “osso” e sub-retangulares alongadas. A ser publicado nas *Atas do VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, realizado em 4 a 6 de Outubro de 2012, Villafranca de los Barros (Badajoz).
- BAPTISTA, L.; RODRIGUES, Z.; PINHEIRO, R. (2012) – Espacialidades dos cadáveres em Montinhos 6: contributos para uma compreensão das práticas funerárias da Idade do Bronze no Sudoeste Peninsular. In *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, de 2010*. Almodôvar: Município de Almodôvar, pp. 149-170.
- CALVINO, I. (2000 [1990]) *As Cidades Invisíveis*. Lisboa: Teorema.
- GOMES, S.; BAPTISTA, L.; OLIVEIRA, L. (no prelo) – Práticas de inumação e práticas de construção em Horta da Morgadinha 2 (Salvador, Serpa). A ser publicado nas *Atas do VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, realizado em 4 a 6 de Outubro de 2012, Villafranca de los Barros (Badajoz).
- GOMES, S.; BAPTISTA, L.; RODRIGUES, Z. (no prelo) – Tradições de inumação durante a Idade do Bronze em Torre Velha 12 (Salvador, Serpa). A ser publicado nas *Atas do VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, realizado em 4 a 6 de Outubro de 2012, Villafranca de los Barros (Badajoz).
- VALERA, A. C.; BRAZUNA, S. (2011) – *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches (Fase de Obra): Relatório Final Global*. ERA-Arqueologia
- VALERA, A. C.; GODINHO, R.; CALVO, E.; MORO BERRAQUERO, F. J.; FILIPE, V. e SANTOS, H. (no prelo) Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa). In *Actas do IV Colóquio Arqueológico de Alqueva* (Beja, 2010), em linha http://www.academia.edu/953825/_Um_mundo_em_negativo_fossos_fossas_e_hipogeus_entre_o_Neolitico_Final_e_a_Idade_do_Bronze_na_margem_esquerda_do_Guadiana_Brinches_Serpa_

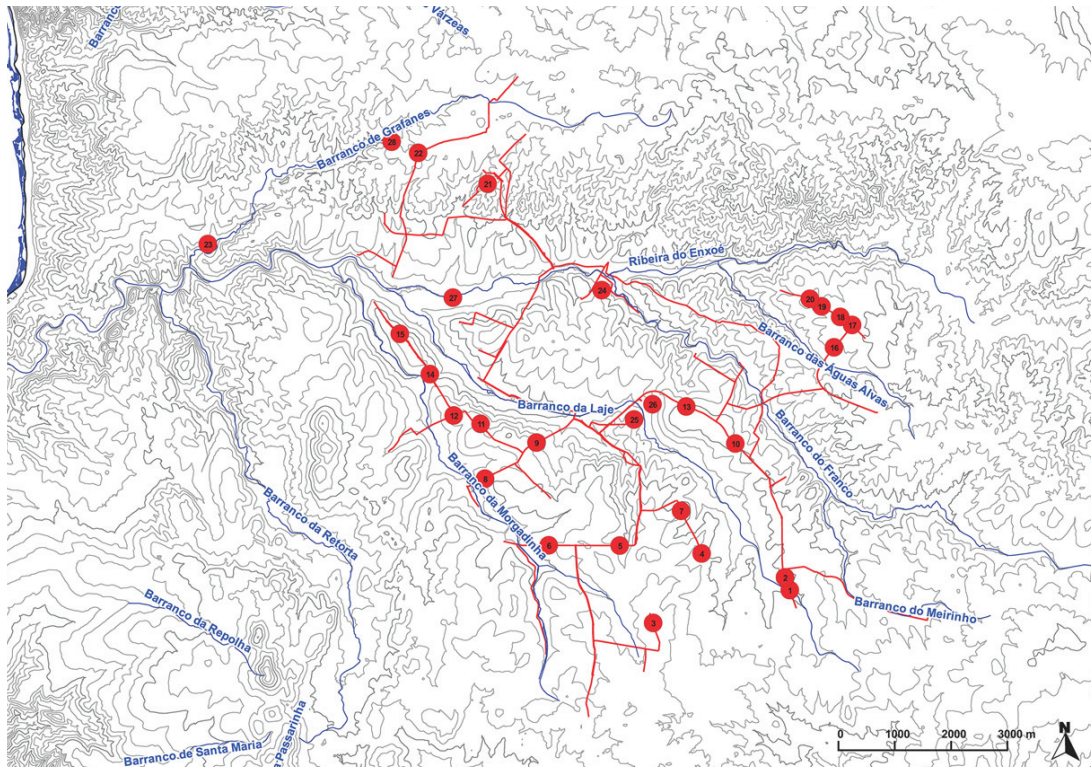


Figura 1 – Mapa de distribuição dos sítios pré-históricos identificados na área do Projeto do Bloco de Rega Brinches-Enxoé: 1 – Folha da Vereda 1; 2 – Meirinho 4; 3 – Vale de Éguas 3; 4 – Monte da Lage; 5 – Maria da Guarda 3; 6 – Cidade das Rosas 4; 7 – Lage 2; 8 – Alcaria 5; 9 – Alcaria 4; 10 – Santo Estevão 1; 11 – Espicharrabo 4; 12 – Horta da Morgadinha 2; 13 – Torre Velha 12; 14 – Horta da Morgadinha 1; 15 – Horta da Morgadinha; 16 – Águas Alvas; 17 – Águas Alvas 1; 18 – Monte da Chilha; 19 – Monte da Chilha 1; 20 – Monte da Chilha 2; 21 – Montinhos 6; 22 – Montinhos 3; 23 – Salsa 3; 24 – Escalfa Cães 1. Outros projetos EDIA: 25 – Torre Velha 3; 26 – Torre Velha 5; 27 – Entre-Águas 5; 28 – Corte do Poço 1.



Figura 2 – Morfologia das estruturas: A – Vale de Éguas 3 – concentração de estruturas de tipo “fossa”; B – Torre Velha 12 – concentração de estruturas de tipo “fossa” e hipogeus; C – Montinhos 6 – concentração de estruturas de planta em “osso”; D – Horta da Morgadinha 2 – valado/fosso de perfil em V (sond. N.º 31/32).



Figura 3 – Práticas de inumação: A – Santo Estevão 1 – nível de inumação humana em “fossa” com 2 indivíduos (um em decúbito lateral e outro em posição sentada) (sond. N.º 7); B – Montinhos 6 – nível de inumação em “fossa” de um indivíduo em posição sentada com um dorminte junto ao ventre (sond. N.º 127); C – Montinhos 6 – nível de inumação humana em hipogeu com inumações primárias e ossário (sond. N.º 59); D – Horta da Morgadinha 2 – nível de inumação de animais (maioritariamente canídeos) (sond. N.º 19).



Figura 4 – Concentração de materiais: A – Torre Velha 12 – deposição de um prato no centro de estrutura (sond. N.º 18); B – Horta da Morgadinha 2 – nível de concentração de elementos pétreos e cerâmicos (sond. N.º 11); C – Horta da Morgadinha 2 – nível de elementos faunísticos (sond. N.º 14); D – Montinhos 6 – deposição de um vaso sobre uma haste de veado (sond. N.º 100).



AAP
 ASSOCIAÇÃO
 DOS ARQUEÓLOGOS
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
 bcp

BNP
 BIBLIOTECA
 NACIONAL
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
 PORTUGAL


 Parques de Sintra
 Monte da Lua